

**O procedimento histórico-fisio-psicológico:
Um projeto ético-estético de auto-formação em Friedrich Nietzsche**

José Augusto da Silva Neto*

Resumo: Ao apropriar-se, em sentido particular, dos artifícios científicos de sua época, Nietzsche delineia um método cuja articulação pretende evidenciar o caráter imanente dos idealismos presentes na filosofia metafísica, na arte romântica e na moral cristã. O aqui denominado *procedimento histórico-fisio-psicológico* esboça aquilo que o filósofo compreende por uma *história da gênese do pensamento*, na qual faz-se possível considerar, a partir dos domínios anteriormente citados, o caráter interpretativo das valorações humanas, bem como o seu lugar de origem no corpo. Destarte, o filósofo alemão opta por reconhecer nele (no corpo) o fenômeno mais rico e que permite as observações mais claras, bem como, dedicar-se-á ao reconhecimento de suas potencialidades, tornando-o mote central de um novo modo de filosofar, cujo cuidado e celebração do mesmo fazem emergir um projeto ético-estético de auto-formação.

Palavras-chave: corpo, procedimento, projeto, auto-formação.

**The historical-physio-psychological procedure:
An ethical-aesthetic project of self-formation in Friedrich Nietzsche**

Abstract: By appropriating, in a particular sense, of the scientific artificers of his time, Nietzsche outlines a method whose articulation seeks to prove the immanent character of the idealisms present in the metaphysical philosophy, the romantic art, and the Christian morality. The so-called *historical-physio-psychological procedure* outlines what the philosopher understands by a *history of the genesis of thought*, where it is possible to consider, from the domains previously mentioned, the interpretative character of human values, as well as their place of origin in the body. Thus, the German philosopher chooses to recognize in him (the body) the richest phenomenon and allows the clearest observations, as well as, to dedicate himself to the recognition of its potentialities, making it the central point of a new way of philosophizing, whose care and celebration of it leads to the emergence of an ethical-aesthetic project of self-formation.

Keywords: body, procedure, project, self-formation.

1 INTRODUÇÃO

Nos escritos nietzschianos posteriores a 1876, identifica-se a apropriação dos artifícios científicos vigentes como fomentadores de uma nova perspectiva de análise filosófica¹. O assim chamado *procedimento histórico-fisio-psicológico*, em sua articulação nos referidos domínios e sua recorrente aplicação nos escritos posteriores,

* Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Contato: jasn.augustoneto@gmail.com

¹ Ver Wotling, P. *Nietzsche e o problema da civilização*. Paris: Editora Barcarolla, 2013.

evidencia o caráter imanente das produções filosóficas e morais, ou ainda, sua origem e relevância no estatuto orgânico, delineando um novo horizonte ético-estético a partir de dois modelos tipológicos exponenciais, a saber, o *espírito livre* e o *além-do-humano*.

Nessa perspectiva, o caráter científico atribuído à história (uma vez que, para Nietzsche, essa não se distingue da ciência natural) é complementado a partir da mobilização paulatina de dois operadores cruciais: a fisiologia e a psicologia. Conforme Alberto Onate², a manutenção dos títulos científicos naturais não pressupõe os arsenais metodológicos e observacionais previamente delimitados, bem como não podem ser simplesmente identificados ou meramente diferenciados (visto que os textos nietzschianos apresentam controvérsias quanto a essa interpretação), mas caracterizam-se pelo ensaio e pela experimentação, uma vez que adentram terrenos inexplorados. Para Giacoia, em seu livro *Nietzsche como psicólogo*, o filósofo alemão

(...) desenvolve uma noção radicalmente interdisciplinar de sua disciplina, que exige o concurso de elementos provenientes da filosofia, da filologia, da fisiologia, da história, da antropologia cultural, da etnologia, da semiótica, da linguística, da literatura, entre outras, para fazer do pensamento uma escola da suspeita permanente, que parte do sentido manifesto das produções culturais em busca do sentido oculto em suas múltiplas condições de surgimento, desenvolvimento e transformação³.

O procedimento *histórico-fisio-psicológico* seria, portanto, responsável por evidenciar a gênese das valorações feitas pelos seres humanos, bem como do processo que o levou a se tornar alheio às *coisas mais próximas*⁴, dentre as quais os próprios fenômenos corpóreos que o constituem: instintos, afetos, pulsões, entre outros. Em contraposição, o *espírito livre* reconhece na valoração a necessidade e pode retornar às coisas próximas de modo a não mais subjugar-las frente aos ultramundos, constituídos a partir de uma *má-interpretação do corpo*. Nessa mesma perspectiva, o novo modelo tipológico instaurado por Nietzsche em *Assim Falou Zaratustra* denuncia o domínio do enfoque cristão e da filosofia pós-socrática enquanto perpetuadores do menosprezo pelo corpo, bem como de seu adocimento.

Espírito livre e além-do-humano, carregam, por conseguinte, a experimentação de si mesmos como meio para tornar-se aquilo que se é, o que, para Jorge Visenteiner, significa um “processo que se desdobra sob condições individuais de vida, sem

² Onate, A. *Entre o eu e o si ou a questão do humano na filosofia de Nietzsche*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003.

³ Giacoia, Jr. *Nietzsche como psicólogo*. São Leopoldo: Unisinos, 2001, p. 11.

⁴ Cf. Nietzsche, F. *Humano, demasiado humano II*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, § 16.

universalizá-lo em um modelo unívoco e nem orientado por uma compreensibilidade conceitual da existência”⁵. Agora, destituído das quimeras conceituais, ambos os expoentes supracitados aprendem a pôr beleza no mundo e tomam a si mesmos, seus próprios corpos, como objeto de experimentação, uma espécie de poeta-autor da própria vida, para fins de auto-formação.

2 O FENÔMENO MAIS RICO

Sob o enfoque do procedimento *histórico-fisio-psicológico*, Nietzsche anuncia a derrocada dos idealismos presentes na filosofia metafísica, na arte romântica e na moral cristã. Em *Humano, demasiado humano*, de maneira mais específica, vislumbramos a emergência do fenômeno orgânico, enquanto origem de todo o arcabouço transcendente e responsável pela subsequente derrocada das concepções dualistas perpetuadas pelas instâncias em xeque. Para o filósofo, é possível afirmar que a crença em verdades suprassensíveis é, em realidade, uma má-interpretação⁶ de cunho orgânico: “tudo o que até hoje tornou para eles valiosas, pavorosas, prazerosas as suposições metafísicas, tudo o que as criou, é paixão, erro e auto-ilusão”⁷. Isso porque, a vida, para Nietzsche, é marcada pelo erro, no sentido de que as ilusões são úteis para a sobrevivência, mas, na medida em que se tornaram instrumentos de negação da vida, acabaram por exercer um papel contrário. Mesmo a metafísica, entre essas ilusões, pode ser considerada fruto desses erros. Neste caso, contudo, o erro se torna nefasto justamente porque esquece que é um erro.

Por conseguinte, a primazia metafísica é destituída, a partir do tênue, mas avassalador esboço do que Nietzsche vislumbra como sendo uma *história da gênese do pensamento*⁸, ou seja, do reconhecimento da imanência das condições de produção de conceitos e sentimentos⁹. A falta de sentido histórico seria, portanto, um defeito hereditário de todos os filósofos, afinal “tudo o que o filósofo declara sobre o homem, no fundo não passa de testemunho sobre o homem de um espaço de tempo *bem limitado*”. (HH, 2, grifo do autor). Essa filosofia histórica aqui delineada, além de restringir a

⁵ Viesenteiner, J. *Experimento e vivência: a dimensão da vida como pathos*. 2009. 337 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade Estadual de Campinas, 2009, p. 14.

⁶ Cf. Nietzsche, F. *Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres*, São Paulo: Companhia das Letras, 2004, § 133 e 134.

⁷ Nietzsche, F. *Humano, demasiado humano*, § 9, grifo nosso.

⁸ Cf. Nietzsche, F. *Humano, demasiado humano*, § 16.

⁹ Cf. Nietzsche, F. *Humano, demasiado humano*, § 1.

validade dos discursos e conceitos filosóficos ao tempo em que são proferidos, assume outras exigências ainda mais sofisticadas no que tange a análise da produção de pensamento, conforme nos apresenta Patrick Wotling:

Ele ainda parece dar prioridade a uma Fisiologia genealógica e fazer uma redução das manifestações dos fenômenos psicológicos derivados de uma série psicológica de processos. Assim, em *Aurora* e *Gaia Ciência*, as instâncias psicológicas em que estão os afetos e os instintos são frequentemente reduzidas a um esquema psicológico baseado na atividade do sistema nervoso, como indicado pela seguinte: “Nossos afetos (*Unsere Affekte*) pressupõem pensamentos e gostos, estes um sistema nervoso, etc.” Se a referência para o sistema nervoso não é sistemática, de modo mais geral, o afeto é sempre descrito como um estado do corpo: “A raiva (e todos os afetos) é primeiro um estado do corpo: isso é interpretado. Por seguinte, a interpretação gera esse estado”¹⁰.

Um dos exemplos mais pertinentes à compreensão dessa perspectiva, é apresentado em *Humano, Demasiado Humano*, na consideração dos elementos que constituem o sonho¹¹, uma vez que estes são produzidos a partir da interação do corpo do organismo com o meio em que este se encontra inserido, bem como das excitações constantes de nosso sistema nervoso por múltiplos fatores internos. Nietzsche, nos aforismos em que discorre sobre essa temática, não somente se opõe à possibilidade de se tirar *conclusões* dos sonhos, mas reafirma sua posição frente aos diversos reagentes dos *seres orgânicos*. Desse modo, é pelo corpo que o indivíduo se faz criador de perspectivas, sendo que a riqueza simbólica e imaginária da produção de verdades não passa de ajuntamentos e acordos provisórios de impulsos, portanto, uma *criação* de caráter orgânico¹².

Outras obras, ainda, corroboram com as atribuições dadas ao estatuto fisiológico. Em *Genealogia da Moral*¹³, por exemplo, elementos morais como a culpa e a má

¹⁰“Il semble même accorder à la Physiologie une priorité généalogique sur la psychologie et à opérer une réduction des phénomènes psychologiques à des manifestations dérivées de séries de processus psychologiques. C’est ainsi que, à l’époque d’*Aurore* et du *Gai Savoir*, les instances psychologiques que sont les affects et les instincts sont fréquemment ramenées à un schéma psychologique fondé sur l’activité du système nerveux, ainsi que l’indique le texte suivant: Nos affects (*Unsere Affekte*) présupposent des pensées et des goûts, ceux-ci un système nerveux, etc. Si la référence à l’appareil nerveux n’est pas systématique, de manière plus générale, l’affect est toujours décrit comme un état du corps: ‘La colère (et tous les affects) *d’abord* un état du corps: qui est interprété. Par la suite l’interprét <ation> engendre cet état” (Wotling, P. *La Philosophie de l’espritlibre: Introduction à Nietzsche*, Paris: Falmarion, 2008, p. 44).

¹¹ Cf. Nietzsche, F. *Humano, demasiado humano*, § 5, 12 e 13.

¹² Cf. Oliveira, J. Nietzsche e a doutrina das coisas mais próximas. *Filosofia Unisinos*, v. 10 (2), p. 174-187, mai/ago 2009, p. 178.

¹³ Nietzsche, F. *Genealogia da Moral: Uma Polêmica*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

consciência são diretamente relacionados aos processos digestivos; em *O Caso Wagner*¹⁴, por sua vez, as investidas contra o músico alemão são em virtude da decadência de sua produção advindas de sua decadência fisiológica; já em *O Anticristo*¹⁵ vemos a articulação da crítica nietzschiana sobre o cristianismo, um dos seus principais alvos e principal evidência do desprezo para com o corpo, conforme nos aponta o excerto a seguir:

Nós, outros, que temos a coragem para a saúde e também para o desprezo, como poderíamos nós desprezar uma religião que ensina a desprezar o corpo! Que não quer desfazer-se da superstição da alma! Que faz da nutrição insuficiente um “mérito”! Que vê e combate na saúde uma espécie de inimigo, demônio, tentação! Que se convenceu de que é possível levar uma “alma perfeita” num corpo cadavérico, e para isso teve necessidade de aprontar um novo conceito de “perfeição”, um ente pálido, doentio, idiota-entusiasta chamado “santidade” — santidade, apenas uma série de sintomas do corpo empobrecido, enervado, incuravelmente corrompido!...

Para Giacoia, ao rejeitar qualquer possibilidade de uma “origem miraculosa” das noções morais, estéticas e religiosas, “Nietzsche dissolve toda essencialidade no torvelinho do devir histórico, de vez que todo fenômeno do mundo orgânico só se constitui em seu vir a ser”¹⁶. A verdade não passaria de uma invenção originária de uma *necessidade humana*¹⁷, ou, como propõe Jelson Oliveira, “uma criação do homem-artista e não uma descoberta de algo que se encontra potencialmente disponível à atividade racional do sujeito”¹⁸. No fim, a gênese do pensamento restitui um novo papel para o corpo porque contar a história do pensamento é reconstituir a base *fisiopsicológica* de onde as ideias (incluindo os valores e os sentimentos religiosos, estéticos e morais) derivam.

Desse modo, é possível reconhecer na recorrente aplicação do procedimento *histórico-fisio-psicológico*, a embrionária constituição de uma filosofia da afirmação do corpo em todos os seus matizes; é somente a partir de uma mudança nas raízes do projeto metafísico e científico, o que implica numa concepção renovada do humano, que nos aproximamos dos nexos inerentes à corporalidade tomada em sua intimidade. Em outras palavras, mesmo que inicialmente, nos escritos do chamado segundo período (1876-

¹⁴ Nietzsche, F. *O Caso Wagner: um problema para músicos*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

¹⁵ Nietzsche, F. *O Anticristo*. Trad. Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2001.

¹⁶ Giacoia Jr, O. Filosofia da cultura e escrita da história: notas sobre os projetos de uma genealogia da cultura em Foucault e Nietzsche. *Estudos Nietzsche*, São Paulo, v. 5 n°1, p. 3-34, jan./jun. 2014, p. 18.

¹⁷ “Até hoje nenhuma religião, seja direta ou indiretamente, como dogma ou como alegria, conteve uma só verdade. Pois foi do medo e da necessidade que cada uma delas nasceu, e por desvios da razão insinuou-se na existência” (HH, 110).

¹⁸ Oliveira, J. 2009, p. 178.

1882), o corpo não tenha sido tematizado de forma direta, ele está como que implícito, servindo de pano de fundo para o pensamento que recupera inúmeras metáforas e simbologias de cunho *fisiopsicológico*, principalmente no que tange à criação daquelas ilusões e erros advindos do corpo que passam a ser úteis para a vida.

É em *Assim Falou Zaratustra*, contudo, que o tema aparece de forma mais evidente. Conforme a tessitura do discurso *Dos Desprezadores do Corpo*, visto que nela se evidencia a mais contundente oposição nietzschiana aos idealismos, podemos afirmar que, a rigor, só há corpo; as noções de alma, espírito, razão e Eu são um epifenômeno daquele:

Corpo sou eu inteiramente, e nada mais; e alma é apenas uma palavra para um algo no corpo. O corpo é uma grande razão, uma multiplicidade com um só sentido, uma guerra e uma paz, um rebanho e um pastor. Instrumento de teu corpo é também tua pequena razão que chamas de “espírito”, meu irmão, um pequeno instrumento e brinquedo de tua razão. “Eu”, dizes tu, e tens orgulho dessa palavra. A coisa maior, porém, em que não queres crer – é teu corpo e sua grande razão: essa não diz Eu, mas faz Eu¹⁹.

Recolocado sobre um novo patamar filosófico, o corpo é aqui considerado a realidade mais elementar do ser humano, tal como o filósofo irá afirmar em um de seus escritos póstumos: “Essencialmente, partir do corpo e tomá-lo como fio condutor. Ele é o fenômeno mais rico, que permite as observações mais claras”²⁰. Esse novo horizonte observacional aponta não somente para a destituição axiomática dos valores universais até então pautados na racionalidade como uma instância superior e contrária, mas implica nas considerações morais enquanto originárias do corpo. Destarte, nossa análise segue a partir da consideração de uma nova conceituação acerca do corpo, o que permite compreendê-lo como fio-condutor não somente de um novo horizonte epistemológico, baseado em interpretações dele advindas, mas em um projeto ético-estético de auto-formação.

3 AS OBSERVAÇÕES MAIS CLARAS

Se, para Nietzsche, a moralidade vigente assumia um aspecto engendrador e, portanto, enfraquecedor do ser humano em seus matizes corpóreos, a história da gênese

¹⁹ Nietzsche, F. *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*, São Paulo: Companhia das Letras, 2011, *Dos desprezadores do corpo*.

²⁰ Nietzsche, F. Fragmento póstumo da primavera de 1888. In: *Sämtliche Werke*, Kritische Studienausgabe. Berlin/Nova Iorque/Munique: DTV/Walter de Gruyter & Co., 1980, § XI, 40 [15].

do pensamento favoreceria, a partir do procedimento *histórico-fisio-psicológico*, a liberdade ante esses aspectos, bem como uma maior clareza observacional frente ao mundo e um subseqüente e novo tipo humano, tal como se evidencia no primeiro volume de *Humano, Demasiado Humano*:

Que a reflexão sobre o humano, demasiado humano – ou, segundo a expressão erudita: a observação psicológica – seja um dos meios que nos permitem aliviar o fardo da vida, que o exercício dessa arte proporcione presença de espírito em situações difíceis e distração num ambiente enfadonho, que mesmo das passagens mais espinhosas e desagradáveis de nossa vida possamos colher sentenças, e assim nos sentir melhor: nisto se acreditava, isto se sabia – em séculos passados²¹.

Desse desprendimento categoricamente requisitado, no que tange às implicações do procedimento *histórico-fisio-psicológico*, emergem os *espíritos livres*, para os quais a obra de 1882, é dedicada.

É chamado de espírito livre aquele que pensa de modo diverso do que se esperaria com base em sua procedência, seu meio, sua posição e função, ou com base nas opiniões que predominam em seu tempo. Ele é a exceção, os espíritos cativos são a regra; estes lhe objetam que seus princípios livres têm origem na ânsia de ser notado ou até mesmo levam à inferência de atos livres, isto é, inconciliáveis com a moral cativa.²²

No prefácio escrito à essa obra em 1886, Nietzsche chama de *grande liberação*, o processo realizado pelo indivíduo a fim de tornar-se um *espírito livre*, indivíduos a quem “uma veemente e perigosa curiosidade por um mundo indescoberto flameja e lhe inflama os sentidos”²³, o desprezo pelo “dever”, o isolamento que busca seu si-mesmo, o autodomínio e a disciplina de coração, que lhe permite o acesso a numerosos e contrários modos de pensar²⁴.

Entretanto, se na filosofia intermediária de Nietzsche, era o *espírito livre* o “protagonista da soberana *química dos conceitos e sensações*”²⁵; agora, a partir de *Assim Falou Zaratustra*, um novo horizonte de potência emerge da radical abertura à questão da corporalidade como caracterizadora do humano: “*Mortos estão todos os deuses: agora queremos que viva o além-do-homem*”²⁶. Esse *além-do-homem* carrega consigo uma nova forma de se fazer filosofia, pautada na afirmação da vida, ou ainda, na alegria para com

²¹ Nietzsche, F. *Humano, demasiado humano*, § 35.

²² Nietzsche, F. *Humano, demasiado humano*, § 225.

²³ Nietzsche, F. *Humano, demasiado humano*, Prefácio, 3.

²⁴ Cf. Nietzsche, F. *Humano, demasiado humano*, Prefácio, 4.

²⁵ Onate, 2003, p. 21.

²⁶ Nietzsche, F. *Assim falou Zaratustra*, *Da virtude dadivosa*, grifo do autor.

a mesma (*Lebensfreude*) e na negação do menosprezo das coisas próximas até aqui substanciado pelo dualismo psicofísico. Conforme Onate (2003), o decurso do texto legitima a seguinte conjectura reguladora:

Em concomitância ao desmonte radical dos pressupostos e dos fundamentos das concepções fundamentais de eu, mente, espírito, alma e de suas implicações, Nietzsche esboça, paulatinamente, um novo horizonte concernente ao humano, que não é mais caudatário dos parâmetros ínsitos na metafísica da subjetividade. Das cinzas do sujeito clássico emerge em seu esplendor a dimensão do corpo, em cujas fronteiras se oculta, por sua vez, o despertar vindouro do além-do-homem, viabilizado e preparado pela atuação de dois operadores nucleares: a criação e a desmedida. O crepúsculo e o ocaso prognosticam a aurora do melhor, do excessivo, do corpo, pois “é tempo de que o homem fixe sua própria meta. É tempo de que o homem plante a semente de sua mais alta esperança”²⁷. Evento extraordinário anunciado pelo filósofo num matiz sibilino, sem maiores preocupações didáticas, mas cujas repercussões filosóficas requerem uma análise mais aprofundada e completa, à altura de sua pregnância²⁸.

Em síntese, Nietzsche aponta para um projeto filosófico que visa a afirmação do “caráter proteiforme da vida, da aparência, dos instintos, dos vácuos, dos disfarces, da força e do poder que determinam seus conteúdos valorativos”²⁹. Claramente, o filósofo faz a opção pelo caminho até então recusado pela tradição: o corpo concebido como superficial e aparente, agora se revela como a experiência mais profunda de todas, e, portanto, mote central de um novo modo de se conceber a vida, ou ainda, de uma nova filosofia que não se opõe, mas, ao contrário, parte da vida como pressuposto. Essa nova filosofia advém do corpo, celebra-o, e dá-lhe o estatuto de “grande razão”, ou seja, da expressa pluralidade que forma o ser humano: “O corpo é uma grande razão, uma multiplicidade com um só sentido, uma guerra e uma paz, um rebanho e um pastor”³⁰.

O novo composto corpóreo e sua integração às *coisas mais próximas* permitem a realização da máxima expressa em *Ecce homo*: “Torna-te aquilo que és”. Segundo Onate (2003), tornar-se o que se é, nesse ínterim, corresponde à máxima intensidade de fruição do “campo relacional instaurador do si, convertendo os atos deste em expressão fidedigna daquele, ou, para ser mais preciso, equivale a desfazer a ilusão de um centro de atividade contraposto à mera ocorrência efetivadora”³¹. O autor concebe ainda o corpo como sendo o palco de um torneio entre potências que visam a superação entre si, e que numa instância

²⁷ Nietzsche, F. *Assim falou Zaratustra*, Prefácio, 5.

²⁸ Onate, 2003, p. 14-15.

²⁹ Oliveira, J. *A Solidão como virtude moral em Nietzsche*. Curitiba: Champagnat, 2010, p. 192.

³⁰ Nietzsche, F. *Assim falou Zaratustra*, *Dos desprezadores do corpo*.

³¹ Onate, 2003, p. 150.

maior traduzem o que Nietzsche entende por vida, o valor dos valores: um *processo de determinação de forças*³².

“Torna-te aquilo que és”, segundo Jorge Viesenteiner, designa ainda uma tarefa essencialmente prática, uma práxis destituída de teorias, modelos, codificações, elementos religiosos, conceituais ou morais. A tarefa de ‘tornar-se o que se é’, exige “precisamente a suspensão de quaisquer anteparos entre o homem e a vida e, principalmente a supressão da compreensibilidade estritamente conceitual da existência”³³. Sob condições individuais de vida, não universalizáveis, o processo de “tornar-se” evoca uma travessia submetida a condições mutáveis, o que pressupõe que não saibamos de antemão “o que somos”³⁴, mas disso temos apenas uma vivência, portanto.

A vivência ou *Erlebnis* é a condição de possibilidade para ‘tornar-se...’, caracterizando pois tudo o que ocorre ao homem, ocorre exclusivamente através de uma travessia, um percurso, uma trajetória aventureira em condições sempre diferentes, ou simplesmente uma vivência, sem que possamos determinar, porém, o que o homem deve efetivamente vivenciar, a fim de se tornar o que é. *Erlebnis* não é um conceito especificamente, mas sim um contra-conceito da razão e, como tal, é interpretado por nós como pathos. A auto-formação do homem através da vivência, ou ainda, converter-se em “poetas-autores de nossas vidas” a fim de ‘tornar-se o que se é’ é uma travessia no tempo, cuja trajetória é uma vivência pathética. Por isso que através da noção de vivência, podemos compreender a vida em sua dimensão de pathos³⁵.

Nessa perspectiva, o *pathos* nietzschiano pressupõe a imediata ligação com a vida e o reconhecimento de sua comunicabilidade unicamente por vias artísticas, processos que correspondem, respectivamente, ao sentir do corpo e da significação do mundo partindo da vivência: *tudo* o que vemos e vivenciamos se *torna profundamente significativo*³⁶. Assim sendo, *espírito-livre e além-do-humano* apontam para um horizonte ético-estético de auto-formação por vias orgânicas de cuidado com o corpo. Nesse ínterim, vemos que a filosofia nietzschiana toma como tema de estudo não mais os temas ligados às grandes preocupações clássicas, mas atém-se a problemáticas anteriormente consideradas periféricas e sem importância.

³² Cf. Nietzsche, F. Fragmento póstumo da primavera de 1888, XI, 36 [22].

³³ Viesenteiner, 2009, p. 13-14.

³⁴ Conforme Viesenteiner (2009), a frase “Torna-te aquilo que és” em *Ecce Homo*, é uma subversão da sentença pítica, “Tendo aprendido o que você é, torna-te tal como você é”, que pressupõe o conhecimento de si como predecessor de sua dimensão prática. Ainda na perspectiva do autor, a proposta nietzschiana é um contra-conceito às condições de racionalidade.

³⁵ Viesenteiner, 2009, p. 14-15, grifo do autor.

³⁶ Nietzsche, F. Fragmento póstumo da primavera de 1888, IX [6], grifo do autor.

4 O QUE PODE UM CORPO

Da preponderância do estatuto orgânico e das condições supracitadas como meio para “tornar-se o que se é”, emerge, na filosofia nietzschiana, a reflexão sobre as condições às quais o corpo está submetido. Destarte, Nietzsche se preocupa com a *salvação da humanidade*³⁷, não como o idealista, mas como aquele que reconhece o corpo como a realidade mais elementar. Ao corpo sadio interessa não curiosidades miraculosas, mas questões mais pertinentes à sua vitalidade e cultivo de força. É assim que, em *Ecce Homo*, o filósofo alemão introduz a temática da alimentação, por exemplo: “como você deve alimentar-se para alcançar seu máximo de força, de *virtú*, no estilo da Renascença, de virtude livre de moralina^{38?}”³⁹.

Dieta, culinária, ou até mesmo o tamanho do estômago; o que o filósofo pretende, em linhas gerais, é demonstrar que a cultura de um povo nasce desses eventos “secundários”, que, na verdade, são suas determinantes. O descaso para com a alimentação teria sido um dos grandes erros que levaram à negação daquilo que há de próximo. *Arruinar o estômago*⁴⁰ alimentando-se de modo insuficiente fora o motivo pelo qual as culturas, alemã, inglesa e francesa sofrem de degeneração. De suas experimentações alimentícias, Nietzsche passa a compor sua própria moral, formar a si mesmo:

Mais algumas indicações extraídas de minha moral. Uma refeição forte é mais fácil de digerir do que uma demasiado ligeira. Que o estômago entre inteiro em atividade, primeira condição para uma boa digestão. Deve-se *conhecer* o tamanho do próprio estômago. Pelo mesmo motivo são desaconselháveis as tediosas refeições que chamo de banquetes sacrificiais interrompidos, aquelas na *table d'hôte* [mesa da pensão]. [...] Cada qual possui nisso a sua medida, com frequência entre os limites mais estreitos e delicados⁴¹.

O *metabolismo* aqui evidenciado, no entanto, faz-se atrelado ao *clima* e ao *lugar*: “seu retardamento, sua aceleração, é tal que um equívoco quanto a lugar e clima pode não apenas alhear um homem de sua tarefa, como inclusive ocultá-la de todo: ele não

³⁷ Nietzsche, F. *Ecce Homo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, *Porque sou tão inteligente*, 1.

³⁸ Conforme Paulo César de Souza, “moralina” é um neologismo criado por Nietzsche a partir da “judeína” de Paul de Lagarde, erudito conhecedor das religiões orientais.

³⁹ *Ibidem*.

⁴⁰ *Ibidem*.

⁴¹ *Ibidem*.

consegue tê-la em vista”⁴². Naumburg, Schulpforta, Turíngia, Leipzig, Basileia e Veneza são lugares citados por Nietzsche como oferecendo más condições no que se refere à umidade do ar e à variação do clima para ele. “Tantos lugares nefastos à minha fisiologia”⁴³.

“A escolha na alimentação; a escolha de clima e lugar; – o terceiro ponto em que não se pode por preço algum cometer erro é na escolha de sua *espécie de distração*”⁴⁴. A busca pela distração como um modo de abandono da própria seriedade, se efetiva, para Nietzsche, na leitura dos livros que provaram ser feitos para ele. O filósofo não admite tolerância quanto à leitura, mas reconhece seus instintos de cautela e hostilidade para com os novos livros. “É preciso esquivar-se tanto quanto possível ao acaso, ao estímulo de fora; um como que emparedar-se a si mesmo está entre as sabedorias instintivas da prenhez espiritual. Permitirei que um pensamento alheio escale furtivamente o muro? – Pois isto seria ler...”⁴⁵ (EH, *Porque sou tão inteligente*, 3).

Alimentação, clima e distração, são algumas temáticas que compõem o novo horizonte interpretativo daqueles que, sob a experimentação do procedimento *histórico-fisio-psicológico*, tornam-se aptos a dar-se a si mesmos os próprios valores e cuidados. A auto-formação é tarefa, portanto, daqueles que se assemelham aos modelos tipológicos nietzschianos, não como ideais a serem alcançados, mas no reconhecimento do caráter imanente das produções de pensamento, e, principalmente, do corpo como lugar de origem dos mesmos. O fenômeno mais rico e que permite as observações mais claras é agora o objeto do filósofo da auto-formação, apto a viver livre de anteparos, e que se faz poeta-autor de si mesmo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A liberdade frente à vida, conquistada e assumida por seus modelos tipológicos, delineia, em Nietzsche, um horizonte ético-estético que não só reintegra o papel da corporalidade como redimensiona a noção corpórea e a torna cerne de sua prática filosófica. Sob condições individuais de experiência, a paulatina articulação dos operadores científicos adotados pelo filósofo alemão são, em seus sentidos propriamente

⁴² Nietzsche, F. *Ecce Homo, Porque sou tão inteligente*, 2.

⁴³ *Ibidem*.

⁴⁴ Nietzsche, F. *Ecce Homo, Porque sou tão inteligente*, 3, grifo do autor.

⁴⁵ *Ibidem*.

nietzschianos, os garantidores desse novo matiz que se estabelece no processo de “tornar-se”.

Avesso aos parâmetros de seu tempo, Nietzsche anuncia a valorização da humanidade em sua exuberância, distinção e excelência, e recusa, portanto, a uniformidade característica da moral gregária. A afirmação e a alegria advindas da celebração do corpo são agora as condições de produção do Si-mesmo, e, assim, da produção de uma filosofia que encontra no ímpeto fisiológico não mais a depreciação, mas um princípio das avaliações superiores de vida⁴⁶ e contribui na constituição de um ser humano mais forte.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GIACOIA JR., O. Filosofia da Cultura e Escrita da História: notas sobre as relações entre os projetos de uma genealogia da cultura em Foucault e Nietzsche. *Estudos Nietzsche*. São Paulo, v.5 n°1, p. 3-34, jan./jun. 2014.

GIACOIA JR., O. *Nietzsche como psicólogo*. São Leopoldo: Unisinos, 2001.

NIETZSCHE, F. *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. *Ecce Homo*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

_____. Fragmento Póstumo da primavera de 1888, n.14 [65]. In: *Sämtliche Werke*. Kritische Studienausgabe (KSA). Vol. 13. Berlim/ Nova Iorque/ Munique: DTV/Walter de Gruyter & Co., p. 250-279, 1980.

_____. *Genealogia da Moral: Uma Polêmica*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. *Humano, Demasiado Humano: um livro para espíritos livres*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. *Humano, Demasiado Humano II*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. *O Anticristo*. Trad. Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2001.

_____. *O Caso Wagner: um problema para músicos; Nietzsche contra Wagner: dossiê de um psicólogo*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

OLIVEIRA, J. *A Solidão como Virtude Moral em Nietzsche*. Curitiba: Champagnat, 2010.

⁴⁶ Cf. OLIVEIRA, 2010, p. 193.

_____. *Nietzsche e a doutrina das coisas mais próximas*. Filosofia Unisinos, v.10 (2), p.174-187, mai/ago 2009.

ONATE, A. *Entre o eu e o si ou a questão do humano na filosofia de Nietzsche*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003.

VIESENTEINER, J. *Experimento e Vivência: a dimensão da vida como pathos*. 2009. 337 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade Estadual de Campinas. 2009.

WOTLING, P. *La Philosophie de l'espritlibre*. Introduction à Nietzsche. Paris: Flammarion, p. 53-85, 2008.

WOTLING, P. *Nietzsche e o problema da civilização*. Paris : Editora Barcarolla, 2013.

Recebido em: 22/05/2018

Aprovado em: 12/08/2018